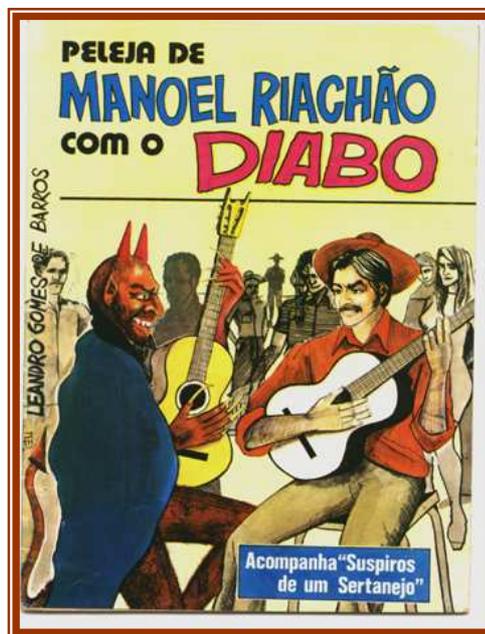


NEGRITUDE & BATERIA E BERIMBAU

*Capoeira e Jazz na Encruzilhada
"Bluseiro" e Capoeiras na Estrada da Vida*



Jazz e Capoeira têm a mesma raiz africana. Para detalhes ver artigo “Berimbau e Bateria”, Revista SENHOR 1963 (Veja neste Power Point ou no Site www.andrelace.com.br).

Consequentemente, pontos de afinidade até mesmo (ou principalmente) nas áreas psicológicas e místicas. A lenda de tocar (ou jogar) com o Diabo está presente em ambos. Há, entretanto, lenda (interpretação) ainda melhor. A lenda em questão, todo jazzista conhece, se não nasceu, ganhou relevância na década de 30, quando Roberto Johnson, numa encruzilhada de Clarksdale, teria vendido a alma ao diabo. Saiu com o violão afinado em tom menor, provocando notas tristes e sucesso, haja ouvido para o “Me and the devil blues”. Excelente artigo de Ricardo Mezavila, entretanto, com muita propriedade e prestando justa homenagem, lembra a figura de Blues Boy King, o extraordinário B.B.King (recomendo a leitura de todo artigo). Provando que a genialidade, mais depressa, é filha do talento e da aplicação. Assim é o quadro da Capoeira, de antes e de agora, onde se pode encontrar mestre que joga realmente com maestria, mas não chega a ser um exemplo de bom cidadão; e há também mestres geniais, exemplares também na cidadania.

Continuemos.

O “bluseiro” não tinha poso certo, o capoeira também, não – para quê? – a casa verdadeira de ambos tinha ficado na África. Daí as andanças de New Orleans para New York, Chicago, Paris...

Daí as andanças dos capoeiras, inclusive atuais, em suas permanentes “vortas do mundo”...

O conteúdo de ambos os cantos (antes do aburguesamento e embranquecimento da capoeira) era predominantemente de fundo social. Alguns tentarão argumentar que o velho blues usava mais como tema a mulher excessivamente “mandona”. Puro artifício para, mandigueiramente, criticar o sinhozinho “mandão”.

Também a triste figura do “uncle tom”, não a glamorização pelo cinema, mas a estigmatizada pelos “black panthers”. Ou seja, não a figura do “negro educado” e, por isso mesmo, adentrando à casa grande (versão Hollywood), mas a do “negro de alma branca”, do “negro servil” como apontava os ativistas afro-americanos.

Negros que imitavam o comportamento dos brancos, até mesmo procurando embranquecer a própria pele. Ou embranquecendo o próprio jogo de capoeira, perdendo os mandingueiros trejeitos de escravo (coisa mesmo de “losers”) e ganhando pose de samurai-circense (com todo respeito ao samurai verdadeiro e ao Circo).

Mas, existirá mesmo essa triste figura do ‘uncle tom’ na capoeira?

Como primeiro passo, há que saber o que vem a ser “uncle tom”.

Sua origem foi inspirada no livro Uncle Tom Cabin (A cabana do Pai Tomás), da escritora abolicionista norte-americana Harriet Beecher Stowe. (Litchfield, Connecticut, 14 de junho de 1811 — Hartford, 1 de julho de 1896). O livro foi inicialmente publicado de forma serial, entre 1851 e 1852.

Obra, como não poderia deixar de ser, anti-escravocrata, tanto assim que autora ouviu do próprio presidente Abrahan Lincoln: "Foi a senhora que, com seu livro, causou essa grande guerra" (Luta pela Abolição, a guerra entre os estados).

A cabana do Pai Tomás, apresenta, de forma romanceada, o conflito vivido entre os escravos norte-americanos e os ricos proprietários de terras no sul dos Estados Unidos, mostrando quão infame era a escravidão.

Harriet Beecher Stowe, realmente, conheceu de perto a realidade do cenário que ao narra-lo passa ao leitor sentimento de revolta e indignação a medida que vai apresentando, com detalhes, o comércio "legal" ou “tolerado” de seres humanos e a forma brutal e selvagem com que os senhores tratavam tal mercadoria, objetivando boas vendas. Este registro literário contribuiu, sem sombra de dúvida, significativamente para a abolição da escravatura. Basta observar que, dois anos depois de seu lançamento, surgiu o Partido Republicano que abraçou a causa abolicionista. Não sem motivo, portanto, o romance foi transformado em filme.

Mesmo assim, mais atento a certas sutilezas e armadilhas dessa luta incessante, o movimento negro norte-americano acusou alguns senões.

Guardando as devidas proporções, em vários artigos, mas, sobretudo, no meu livro “A Volta do Mundo da Capoeira” (1999), chamo atenção também para o fenômeno do *uncletomismo* na Capoeira.

A expressão foi cunhada nos Estados Unidos, décadas atrás, pelo movimento negro, para rotular o fenômeno do “negro de alma branca”, do “negro que sabe qual é o seu lugar”, enfim, do negro submisso e deslumbrado com a Cultura Branca. Ai do negro, apenas para dar pequeno exemplo, que esticasse o cabelo para ficar parecido com o cabelo do branco. Imediatamente este negro seria rotulado como um típico “Uncle Tom”, ou seja, um negro que negava própria raça, a própria pele, o próprio cabelo, a própria cultura. Exatamente como negro no famoso filme “O vento levou”, inspirado no livro “A Cabana do Pai Tomás”.

Livro emblemático que chegou até a ser tema de novela no Brasil (Rede Globo, de sete de julho de 1969 a primeiro de março de 1970, escrita por Hedy Maia, dirigida por Régis Cardoso). Por oportuno, valerá lembrar que a estreia foi tumultuada com um movimento liderado por Plínio Marcos, que comandava uma coluna diária no jornal **Última Hora**, e que não concordava com o fato de ator branco interpretar personagens negros. Todos achavam que o personagem deveria ser de Milton Gonçalves (realmente, um extraordinário ator, além de cidadão da Nação Rubro-Negra). Régis Cardoso apresentou-se pintado de preto.

...

Não tenho dúvida que este fenômeno – Uncle Tom - ocorreu e ocorre também, no Brasil, inclusive dentro da Capoeira. Basta observar os grupos de capoeira formados por mestres brancos da classe média; quase todos eles, especialmente, em

viagens e exibições, tratam de salpicar uma negritude no grupo para, com isto, aparentar alguma autenticidade.

Mas nem sempre o negro “honrado” com o convite para participar do grupo recebe um tratamento igual aos demais. Sendo que, quase sempre, o “honroso convite” inclui fazer certo papel de palhaço ou, pelo menos, um “papel folclórico”. Os que não se sujeitam a este papel menor são, simplesmente, discriminados e afastados das exibições e das viagens.

Quem é do meio pode facilmente enumerar bom número de casos de *uncletomismo* na Capoeira; **felizmente, poderá, também, enumerar um bom número de casos de resistência heroica.** Sendo de fundamental importância deixar bem claro que, no Brasil, este *uncletomismo* tem um contorno cultural um pouco diferente do quadro norte-americano.

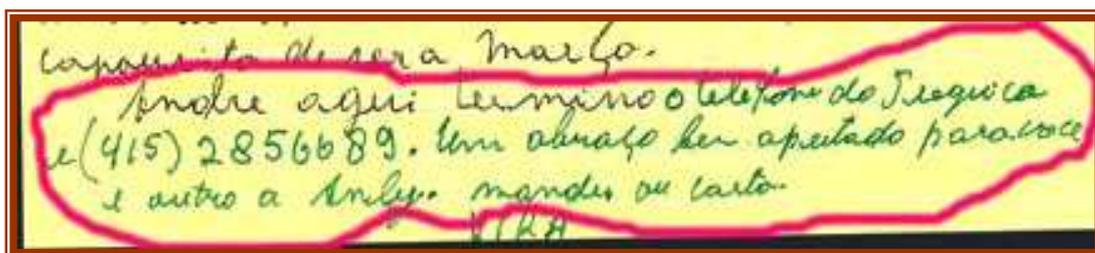
Este é bem o caso, por exemplo, do mandingueiro Mestre Leopoldina que, mesmo admitindo a possibilidade de estar sendo, digamos, subaproveitado em algumas exibições e/ou viagens, sempre teve bem presente que não haveria jamais, para ele, outra maneira de dar, como está dando, algumas dezenas de “voltas do mundo”, conhecendo e sendo aplaudido em vários países.

A carta que Leopoldina enviou décadas atrás, de Los Angeles, em minha opinião, permite detectar certo teor de ***uncletomismo à brasileira***. O que não lhe tira o mérito de grande mestre, até pelo contrário.



do que a pessoa me fez...
causa a contar. Talvez ele deve me dar algum...
obus, etc...
Você não comenta mais eu estou muito
sagrado, mais tá tudo bem quer sai
na chuva e pra se molhar, ainda mais sem
guarda chuva.
Daqui ele já entrou em contato o o bano
meio, um alino meu de Los Angeles e deve

não pela aula que ele deu.
Do que eu não posso dar aula porque o
meu método é outro e se eu fizer vou me per
cor a estrutura da Zen Zala, e outra
para os fotógrafos que tem por aqui.
Eu estou lhe escrevendo na esperança de
que... de... mas que esta



Não creio que exista melhor explicação para o que seja “uncletomismo à brasileira”, do que a reflexão feita pelo Leopoldina, depois de mais algumas viagens, quando eu procurei alertar para ele o “fenômeno do uncletomismo” na Capoeira?

- Tudo bem, concordo, “eles” precisam pingar umas gotas de negritude no pacote capoeira branca tipo exportação que inventaram e está dando certo. Por outro lado, quando eu imaginei viajar tanto?

A frase, é claro, não foi exatamente essa, mas o sentido está intacto.

Parte rítmica e cantada?

Um pacote Capoeira Exportação vem sendo incensado, há décadas. Uma colcha de retalhos, que vai sendo modificado ao sabor do Marketing. A rigor, a Capoeira não é uma Torre de Babel, são várias. Também sua parte rítmica e cantada, de tanto professorarem sobre o assunto, ninguém mais sabe onde está a verdade. Se é que existe, ou precise existir, uma verdade apenas. A sociedade é dinâmica, a Capoeira é dinâmica, nada de errado, portanto, com as modificações espontâneas, naturais, da Sociedade e, conseqüentemente, da capoeiragem também (que está dentro da Sociedade, e não contrário, como alguns tentam defender).

O erro é quando a mudança se faz por intervenção artificial, normalmente por preconceito, ignorância, marketing ou outra razão menor qualquer, até de ordem política...

Instrumentos entraram e saíram da capoeira por razões espontâneas, mas, entraram ou saíram, também, por razões de preconceitos, por pura ignorância ou por alguma exigência do Deus Marketing.

A discussão entre os sabichões, nessa importante área da Capoeiragem, está cada vez mais acalorada. E cada vez mais perdida. Quando muito conseguem determinar alguns marcos de modificação, digamos, encomendada.

O processo de embranquecimento e aburguesamento provocou muitas modificações na parte rítmica e cantada da Capoeira baiana, especialmente a chamada Regional.

No Rio de Janeiro, o grupo Senzala, mesmo optando pela chamada “Capoeira Regional Baiana”, conscientemente ou não, foi incorporando a ela (novamente) componentes da cultura carioca. Dos movimentos e golpes ao ritmo e canto, passando pelo samba duro. Alguns bons capoeiras de Senzala, apenas para dar exemplo que merecia ser mais bem esmiuçado (um dia será) procuraram Rudolf Hermann, Neyder Alves e seguidores, para discussão e laboratório com a chamada capoeira utilitária do Sinhozinho. Outra preocupação desse Grupo, que não chega a ser novidade, pois, no passado, no Rio e Janeiro, na Bahia e outros lugares, ocorreu também, foi tratar de se familiarizar também com outras lutas.

Ora, a Sociedade Dinâmica, o que inclui a Capoeira em qualquer uma de suas formas. Basicamente, portanto, não fazemos uma crítica, apenas, uma constatação. A crítica começa, e é bom que apareça mesmo, quando a “evolução natural” comandada ou, é socialmente questionada.

A parte rítmica e cantada da Capoeira é um bom exemplo desse moto-contínuo (o que é evolução, o que não é!). Se por um lado, é possível a um grupo de capoeira, chegar a um consenso de admiração, ao ouvir um canto realmente excelente e capoeira, acompanhado de um berimbau muito bem cantado, por outro, é possível também surgir boa polêmica.

Alguns exemplos:

Há quem afirme que o atabaque foi introduzido por Mestre Pastinha, muito embora, existem registros textuais e fotográficos comprovando esse “casamento” séculos atrás. Os registros de Rugendas, por exemplo...

Há quem condene a presença do atabaque, mais de um, então, nem pensar...

Há quem assegure que o ijexá é a razão de toda transa.

Como aprendi uma Capoeira que não usava nem ritmo nem canto, e que era a melhor como LUTA, não tenho dúvida que se pode jogar capoeira sem utilizar sua parte ritma e cantada.

Por outro lado, impossível negar, o casamento da “capoeira” com a música, deu certo, tomou conta do mundo. A “Regional”, em minha opinião, tentou se aproximar da capoeira utilitária de Sinhozinho (RIO), mas o coração baiano falou mais alto e, seus autores e redatores, não conseguiram abrir mão da música. Limitaram-se apenas, cooptados que foram por ideias *nazistóides*, a militarizar um pouco o ritmo e mudar o sentido ideológico das letras. Ao invés de apelos à Justiça Social passaram a louvar o Individual, o super-homem. Com isso, conseguiram reduzir drasticamente, não apenas as lideranças revolucionárias, como também fizeram decrescer o teor de Negritude. Diabólico, uma Bandeira Negra, impoluta, sendo usada para embranquecer e aburguesar um belo movimento. Movimento de ginga e movimento social.

A grande ironia é que agora, tendo ganhado o mundo, outros Senhores se acham também com direito de continua essas “evoluções”, esses “ajustamentos” na Marcha da Capoeira.

Muitas Igrejas evangélicas começam a utilizar a Capoeira como instrumento de trabalho sócio religioso, por que não?

Se livros, discursos, seminários (verbas públicas) foram desperdiçados sobre o argumento que a Capoeira era forte ferramenta de Inclusão Social, por que não, tirar carona nessa ingenuidade (quase hipocrisia), e começar a usar a Capoeira com poderosa ferramenta de Inclusão no Céu?

Mas, fator realmente complicante, é o resultante da internacionalização da capoeiragem. Soa patriótico e prenuncia boa reserva de mercado para brasileiros mestres de capoeira no exterior, as afirmações que a Capoeira está ensinando o mundo a falar português e conhecer e gostar da cultura brasileira. Mas não é bem assim. Até porque as músicas de capoeira – letra e músicas – com raras exceções, são pobres musicalmente e com pouco significado como “filosofia”. Sendo que a maioria mais parece “jingles” fanatizados “vendendo” mitos e fantasias.

Escrevi alguns artigos sobre isso, especialmente após uma de minhas visitas à Itália, onde um bom mestre de capoeira, italiano, excelente poeta e compositor, perguntou-me se seria válido produzir e cantar chulas em italiano. Não apenas traduções, mas canções escritas em função da história e da dinâmica cultura italiana. Pela pequena mostra que deu, foi fácil responder:

- Vá em frente.

Em suma, registros que vão apontando para a importância e urgência da implementação dos três projetos, mais uma vez, esboçados, como adiantei no início, nesse Power point e no site www.andrelace.com.br.

(Essa crônica pode ser acessada em outro ponto deste SITE)

CAPOEIRA E JAZZ (Berimbau e Bateria)

Leblon, 07.junho.2005

Nota do Editor (Jornal do Capoeira, Virtual):

Haverá alguma relação entre o Jogo da Capoeira e a música de Jazz?

Pois esse foi o tema de um dos primeiros artigos (1962!) que Mestre André Lacé (na foto, com a filha Daniela) escreveu sobre a Capoeira. O artigo foi publicado no Boletim do Centro de Estudos Políticos da EBAP/FGV, e lido na mesma época, durante um de seus programas – Roda de Capoeira – na Rádio Roquette Pinto, no Rio de Janeiro, onde já era noticiarista radiofônico e produtor.

Em novembro de 1963, a Revista SENHOR, uma das mais importantes revistas brasileiras de todos os tempos, republicou o artigo, acrescentando geniais ilustrações de Sylvio Redinger (REDI): mulher, representando o continente (e as culturas africanas), mostra, a um capoeira afro-brasileiro, um conjunto de jazz e, logo em seguida, mostra, a um trompetista de jazz, um jogo de capoeira. Ambos – quem sabe? – descendentes de uma mesma família trazida, à força, pelos navios tumbeiros. Vieram como escravos, aparentemente apenas como mão de obra não qualificada, mas, sabe-se agora, trouxeram contribuição muito mais rica. Entre elas, o Jazz e a Capoeira.

Enquanto não temos o prazer de publicar o atual estudo de André Lacé, sobre o “Blue Note” e o “Uncle-tomismo” na capoeira moderna, resolvemos desencavar e republicar este curioso artigo – “Berimbau e Bateria” – escrito há quase cinquenta anos atrás. Claro, pequena “copidescagem” foi feito pelo próprio autor.

*Milton Cezar Ribeiro
Miltinho Astronauta*

BERIMBAU E BATERIA

*André Luiz Lacé Lopes
Rio de Janeiro, 1962*

I - Bateria = Jazz (A)

